

## A representação ideológica do cordel *Antônio Conselheiro* vista como elemento folkcomunicação da cultura nordestina <sup>1</sup>

Tcharly Magalhães Briglia<sup>2</sup>

Reheniglei Araújo Rehem<sup>3</sup>

### RESUMO

Este artigo intenta realizar a análise da literatura de cordel a partir da teoria da Folkcomunicação. Será abordada a representação ideológica de Antônio Conselheiro, aqui considerado como agente comunicacional de um grupo culturalmente marginalizado, que entrou para a história brasileira devido à Guerra de Canudos, episódio que marca o fim do século XIX no Nordeste. Utilizando-se da metodologia da pesquisa bibliográfica qualitativa descritiva, o estudo de tal fenômeno messiânico dar-se-á na análise da sua liderança carismática e da representação de sua personalidade por meio do cordel *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1980), de autoria de Minelvino Francisco Silva. A base teórica sustenta-se, de modo geral, em BELTRÃO (1980), BOSI (2009), LOPES (1994) e PROENÇA (1976). Espera-se, desse modo, que esse estudo contribua para as pesquisas na área de folkcomunicação.

### PALAVRAS-CHAVE

Cultura popular; Literatura de Cordel; Folkcomunicação

### ABSTRACT

This paper aims to do an analysis upon chapbook from the theory of Folkcommunication. It will be approached the ideological representation of Antônio Conselheiro, considered as communicational agent from a marginalized culturally group, that took part of Brazilian history due to Canudos War, an episode happened in twentieth century in Nordeste of Brazil. The study of this Messianic phenomenon will be done through bibliographical research, with emphasis on analysis of his charismatic leadership and the representation of his personality in the text *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1980), by Minelvino Francisco Silva. The theory studied is from BELTRÃO (1980), BOSI (2009), LOPES (1994) and PROENÇA (1976). It is expected, therefore, that this study contributes to researches in Folkcommunication.

---

<sup>1</sup> Artigo escrito durante as aulas da disciplina Literatura da Região do Cacau II, com a colaboração e co-autoria de Tacila Aparecida de Sousa, Rosália Ramos Gonçalves Silva, Tereza Raquel Araújo da Paz e Ricardo Barcelos Fagundes, discentes do nono semestre da graduação em Letras, na Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Bahia).

<sup>2</sup> Graduado em Letras pela UESC (2011). Estudante de Comunicação Social (Rádio e TV) na UESC. E-mail: [tcharlybriglia@gmail.com](mailto:tcharlybriglia@gmail.com).

<sup>3</sup> Doutora em Teoria Literária. Docente da Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-Bahia).

## KEY-WORDS

Popular Culture; Chapbook; Folkcommunication

### A literatura de cordel como manifestação da cultura popular

Partindo do conceito de cultura e suas representações, Edward Tylor afirma que cultura ou civilização “É este todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, leis, moral, costumes e quaisquer outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem enquanto membro de uma sociedade” (TYLOR, 1871, p. 1 apud VELHO, 1978). É inegável que muitas outras definições surgiram após esta, que embora problemática, espacia novas perspectivas sobre cultura e muitas reflexões sobre o complexo termo, entendido como um conjunto que reúne vários aspectos, desde crença, leis e língua, até valores, moral e costumes de cada indivíduo inserido na sociedade, representando um povo. Nesse sentido, não se pode pensar no homem sem considerar a sua participação em uma cultura, que por sua vez, só existe dentro de um determinado grupo. Logo, não se pode pensar em cultura sem pensar em sociedade.

As reflexões que envolvem o conceito de cultura adquirem novas dimensões quando contextualizadas dentro do âmbito da sociedade, entendida como complexa e /ou heterogênea. Primeiramente, a noção de complexidade está vinculada à divisão social de trabalho mais especializada, mais segmentada na sociedade urbana industrializada e moderna, com a formação de uma rede de instituições diversificadas ligadas a um sistema de trabalho, ou seja, é uma noção que visa um trabalho social. A noção de heterogeneidade, por sua vez, é bem mais cultural, ainda que ambas as noções estejam diretamente vinculadas. Portanto, não somente a divisão social de trabalho pode suscitar experiências sociais e visões de mundo distintas a cada indivíduo, mas sua convivência com os vários grupos a que pertence, ocasionando uma subcultura, cujo conceito pode ser aplicado sobre unidades menores, tais como profissão, família, e que certamente está relacionada à sociedade complexa de classe, religião, etnia, entre outros fatores.

Sobre esta questão, pensa-se cultura classificando-a em cultura popular e de massa, sendo a primeira considerada mais rústica, menos moderna, enquanto que a segunda lhe é

dado um valor de menor prestígio. De qualquer modo, refletir a cultura popular é perceber os princípios cujo povo molda para formar sua própria cultura, sendo que a cultura de massa busca nas raízes e tradições uma autenticidade para legitimar suas crenças e costumes. Em relação a essa abordagem cultural, a autora Ecléa Bosi investiga e analisa, em *Cultura de Massa e Cultura Popular* (2009), o significado de comunicação de massa, cultura popular e cultura operária, a partir de discussões teóricas.

Seria a cultura popular o que é produzido pelo povo ou para o povo? Quanto as suas características, estão a reelaboração constante e a dimensão psicológica do fato folclórico. Enquanto que o homem do povo está envolto com aspectos da tradição, o burguês está voltado para o progresso. A classe dominante cria ferramentas para agradar a classe *pseudopopular*, na ambição de a indústria cultural substituir o folclore. Distinta da chamada alta cultura e da cultura popular, a cultura de massa representa a média desejada pelos que controlam as formas de comunicação. Deve-se a MacDonal a divisão estabelecida entre cultura de massa e cultura média. Enquanto que a popular fixa costumes, a cultura de massa produz modas efêmeras.

Já na apresentação do livro existe a denuncia dos prejuízos que a massificação da cultura tem trazido para a original cultura popular. Observa-se atualmente que os costumes, valores e até mesmo a linguagem têm sido fortemente influenciados e modificados pelos grandes canais de comunicações, sejam eles impressos ou televisivos. A questão não é como este processo retira as peculiaridades que fazem da cultura um patrimônio humano ímpar, mas quais são os caminhos para se refrear ou tornar este processo menos invasivo.

Quando discorre sobre a questão da cultura popular, Bosi (2009) levanta a interessante dualidade deste tipo de cultura em relação ao seu perfil histórico. A cultura popular é formada tanto por componentes retrógrados, passadistas, como também por componentes que a inovam, os quais surgem no afã de um tipo de auto-renovação. Este último aspecto da cultura popular recebe o nome de *reelaboração constante*. Ao contrário do que se possa acreditar, a cultura popular não é sinônimo absoluto de fossilização de valores e crenças herdados do passado, servindo apenas como mantenedora de um acervo adquirido, mas também demonstra flexibilidade suficiente para se renovar e se readaptar, tornando bastante difícil estabelecer limites para *como* e *o quê* não possam ser inseridos por ela,

inclusive, culturas que se revelam desta forma bastante versáteis são as que mais estão expostas aos perigos da influência do outro tipo de cultura, a cultura de massa.

Nos dois primeiros capítulos, a análise de Bosi transita pelas entrevistas e comentários acerca da cultura como serviço, e reflexões de como a cultura vêm sendo usada para o declínio das massas e como objeto de industrialização lucrativa, ao contrário de uma cultura popular que promulgue um entendimento de mundo do povo. Falta à cultura de massa exercer o poder de liberdade e criatividade para obter a autonomia de crítica à sociedade dominadora. No que concerne aos aspectos culturais de âmbito nacional, nota-se que, durante muito tempo, a sociedade elitista tentou impor uma “cultura brasileira”, com características herdadas da cultura euro-latina, através da Igreja católica, da rede escolar e de instituições estatais. No entanto, os aspectos culturais encontrados no Brasil são provenientes de povos multifacetados, o que implica uma heterogeneidade cultural, que chamamos *cultura popular*, e que é responsável pela identidade nacional brasileira.

Nesse contexto, a literatura de cordel representa uma manifestação cultural, tipicamente nordestina, na qual encontramos a expressão legítima da realidade social dos homens e mulheres daquela região. Primeiro veículo de comunicação, o cordel tem atraído o olhar de muitos estudiosos, como o jornalista Orígenes Lessa, o qual destaca nessa criação artística de ordem popular: o imprevisto da imaginação, a delicadeza da sensibilidade, o poder de observação, a força de expressão através da intuição poética, bem como o sentido de crítica, de protesto e de luta social.

Oriunda de tradições orais, a literatura de cordel é definida como “poesia narrativa, popular, impressa” (LOPES, 1994) e apresenta-se com temáticas variadas: romances, assuntos históricos, religiosos, místicos, desastres, crimes, entre outros. O cordel com temática histórica reúne ficção e realidade, e atua como um meio popular de informação de fatos e expressão de ideias, como a Guerra de Canudos, protagonizada por Antônio Conselheiro. Vale ressaltar que essas narrativas permeiam o imaginário popular através da busca de seus valores históricos, oferecendo “[...] uma explicação para as relações que o grupo privilegia, para suas instituições e costumes; para a natureza que cerca o homem e para os poderes que o teriam engendrado” (COSTA LIMA, 2006, p.15). Nesse ponto, observamos o surgimento de questão antiga, qual seja a discussão sobre a escrita da literatura/poesia e a escrita da história. Costa Lima (2006) sugere que caso o objeto da história esteja no passado, este se

configura como uma variedade da *mimesis* - conceito amplamente debatido e utilizado para as representações literárias - própria para a elaboração da sua verdade.

O historiador não se liberta de uma certa *mimesis*: sua reconstituição do passado traz sempre a marca do tempo em que a fez e do lugar social que aí ocupava, estando a ela tanto mais exposto porque sua disciplina não dispõe de conceitos próprios (COSTA LIMA, 2006, p.156).

A *mimesis* é a característica norteadora da criação literária (PROENÇA FILHO, 1992). Entendida, à luz aristotélica, como imitação (cópia) e de acordo com pensamento de Platão como imitação das aparências (simulacro), a *mimesis* é a revelação da essência do real, é uma representação que, a partir da reprodução do particular, atinge características e traços universais. Ambígua e mimética, da linguagem literária podem ser apreendidas várias interpretações. Através da ideologia do autor e da sua compreensão do que é o mundo, o fenômeno literário só se consolida, de fato, quando os elementos autor, texto e leitor se mantêm interrelacionados. Outra relação elementar é a fusão literatura-cultura, ambas interdependentes. “É preciso considerar ainda que só há literatura onde existe um povo e, conseqüentemente, o desenvolvimento de uma cultura” (PROENÇA FILHO, 1992, p.32). Obviamente, a literatura é um dos traços mais marcantes na caracterização de uma dada cultura.

Quanto maior a força da dimensão conotativa, o texto literário pode se abrir para o leque de interpretações possíveis, dentro de suas dimensões históricas e ideológicas. “A conotação pode ser compreendida como a parte do sentido de uma palavra centralizada na sua capacidade de funcionar para a manifestação psíquica ou atuação social, ou seja, centralizada nas funções emotiva e conativa da linguagem” (PROENÇA FILHO, 1992, p.74). A literatura, além de traduzir o grau cultural da sociedade, pode interrogá-la, questionando valores e ideologias na busca da transformação.

Ao poeta, nesse sentido, não cabe retratar a realidade em detalhes, e sim, lançar sobre ela um novo olhar, podendo inclusive reescrevê-la. Assim, a *mimesis* não é apenas a imitação do real, mas a seleção de fatos da realidade para uma nova organização. É ainda Costa Lima quem afirma que a *mimesis* “[...] fixa a ancoragem do ato ficcional no interior de

um quadro de usos e valores e, portanto, de valores vigentes em uma certa sociedade” (COSTA LIMA, 2006, p. 291). Considerando que literatura, ficção e história buscam dar uma significação ao passado, observamos sua configuração como discursos diferentes, ligados pelas suas relações com o imaginário, sendo que cada escrita possui a sua peculiaridade, não existindo uma hierarquia entre elas. Partindo de certa apropriação da história, a literatura de cordel de caráter histórico engloba aspectos da realidade e da ficção e, de tal encontro, alcança-se uma das mais significativas expressões da cultura popular.

Os estudos literários e folclóricos têm encontrado na literatura de cordel uma fonte inesgotável de representações e registros da cultura popular e da história. Pesquisadores brasileiros e estrangeiros se aproximam dessa expressão cultural tão singular do nosso folclore, em busca de suas raízes e de suas possíveis direções na contemporaneidade. É válido destacar, desde já, que a literatura de cordel é um fenômeno que floresceu, estranhamente, apenas no Nordeste brasileiro, e que os outros estados que possuem registros de cordéis, foram influenciados, em sua maioria, pela presença dos imigrantes nordestinos. Sobre o cordel, os temas mais estudados observam sua linguagem tipicamente nordestina e os arcaísmos seiscentistas, preservados por ela.

A suposta influência exercida pela realidade na obra de arte, mais especificamente na literatura de cordel, é questionada por Minelvino Francisco Silva, poeta popular sul – baiano, um dos poucos baianos citados na enciclopédia Larrouse Cultural e autor do texto literário que será analisado neste artigo. Sua crença era a de que o povo interessa-se mais pelas histórias inventadas, os *causos* maravilhosos que atçam o imaginário popular. A sua produção literária tornou-se objeto de estudo de pesquisadores da Literatura de Cordel em todo o mundo. De fato, Minelvino foi um grande mestre, trovador e xilógrafo, que dedicou a sua obra à cultura popular, fonte de inspiração para o conteúdo do seu trabalho, que reflete a os problemas e conflitos sociais, bem como o folclore, as crenças e as tradições do homem no seu meio.

Minelvino foi um dos representantes legítimos da literatura de cordel, cuja temática está quase sempre voltada para os problemas do homem no mundo, de uma forma poética e harmônica. Sobre o poeta popular e as suas escolhas temáticas, Lopes (1994, p. 15) destaca:

O ponto crítico do problema parece mesmo que reside no conteúdo dos folhetos. Porque ninguém é poeta popular porque diz que é ou

pretende ser. O poeta popular é uma expressão da região, do seu povo, com a sua linguagem própria e sabedoria secular. O cordel é o seu veículo tradicional no Nordeste brasileiro.

A ação de um poeta popular assemelha-se, de certo modo, à atuação do pesquisador de Folkcomunicação, que deve inserir-se no contexto da pesquisa a fim de legitimar os seus dados e se interar, de fato, da realidade que pretende representar. Na tentativa de confluir a literatura de cordel com os estudos da Folkcomunicação, partamos para a análise do caso Antônio Conselheiro, que transita pelas arenas da história, como líder religioso, e da ficção, como *personagem* principal do cordel *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1980), escrito por Minelvino Francisco Silva.

## A Folkcomunicação e o caso Antônio Conselheiro

O estudo dos processos de comunicação oriundos das classes populares é o objeto de estudo da teoria da Folkcomunicação, corrente que tem como um dos principais teóricos, Luiz Beltrão. Na obra do referido autor, *Folkcomunicação, a comunicação dos marginalizados* (1980), pode-se compreender as principais imbricações e vertentes desta linha de pesquisa, por meio de um descritivo painel de informações.

O trânsito de opiniões, ideias e atitudes das massas, para serem entendidas como um processo de folkcomunicação, devem ser marcadas por uma comunicação voltada para o folclore. Não é a manifestação folclórica, em si, que importa para o pesquisador, mas os processos comunicacionais aí envolvidos. Daí, a importância de um *líder de opinião*, que recodifica as mensagens para os *agentes folkcomunicacionais*, isto é, aqueles que agem numa dada manifestação. O fato de a Folkcomunicação utilizar-se dos discursos de determinados grupos alternativos pertencentes a chamada cultura popular não significa dizer que a teoria dá voz aos marginalizados. Em verdade, busca-se compreender e analisar como os marginalizados manifestam a sua voz, ou seja, o que mais interessa, para o pesquisador, é compreender o processo de comunicação.

Em outras palavras, a *folkcomunicação* é, por natureza e estrutura, um *processo artesanal e horizontal* semelhante em essência aos tipos

de comunicação interpessoal *já que suas mensagens são elaboradas, codificadas e transmitidas em linguagens e canais familiares à audiência, por sua vez conhecida psicológica e vivencialmente pelo comunicador, ainda que dispersa* (BELTRÃO, 1980, p. 28, grifos do autor).

Para a comunicação atingir o efeito esperado, considerando-se o caráter heterogêneo dos grupos culturais populares que compõem a audiência, é necessária a atuação de um competente *líder de opinião*.

A identificação do líder de opinião como agente-comunicador do sistema de folkcomunicação foi o ponto de partida do trabalho desenvolvido por quantos se dedicaram à busca e a análise dos agentes e usuários do processo, das modalidades e dos feitos da grande corrente paralela de mensagens que permitirá o conhecimento das expressões do pensamento popular, do seu intercâmbio de idéias e, afinal, das tentativas de uma convivência, quando não da integração, entre grupos tão fundamente distanciados (BELTRÃO, 1980, p. 31).

Entre as principais características do *líder de opinião*, Lazarsfeld, citado por Beltrão, apresenta: a personificação dos interesses específicos, a ocupação de posições tidas como propiciatórias de alta competência, o caráter acessível e extrovertido e a capacidade de ter acesso a informações externas ao grupo liderado e sua posterior socialização para a audiência. Acontece, nesse sentido, um fluxo de comunicação de vertentes variadas. A literatura de cordel é um exemplo de como tal processo funciona. Devido à *liderança* de um cordelista capaz de selecionar, interpretar e retransmitir uma informação, o grupo, a massa, adquire o contato com determinado acontecimento, por meio dos folhetos.

O *líder de opinião* é, por sua vez, um *agente comunicador*. Possui prestígio na comunidade, graças à detenção de certo conhecimento inacessível aos outros; exposição às mensagens necessárias, adequando-as aos interesses do seu grupo; mantém contato com fontes externas de informação; é marcado pela mobilidade, dado o contato com diferentes grupos e possui convicções filosóficas muito bem arraigadas. Para a ação eficaz de um agente/líder torna-se fundamental o nível de credibilidade. Sua atuação está vinculada à audiência com a qual ele se comunica, composta pelos *agentes folkcomunicacionais*. Desses,

segundo Beltrão, advém três grandes grupos, modelos de pesquisa: os grupos rurais marginalizados, os grupos urbanos marginalizados e os grupos culturalmente marginalizados. Nesse último, encontra-se o contingente questionador da moral e/ou da estrutura social – exatamente o que o grupo de Antônio Conselheiro faz, ao questionar a instituição do regime republicano. Beltrão acaba por concluir que o sistema da folkcomunicação é marcado por um traço de universalidade, oriunda da base folclórica ligada à fundamentação da cultura popular, *híbrida* por natureza.

Os grupos culturalmente marginalizados contestam a organização social estabelecida, devido ao fato de adotarem filosofias, ideologias e práticas distintas do modelo político vigente, com tom de protesto. Entre esses grupos, estão os *messiânicos*, compostos por seguidores que creem na ação de um *líder carismático*. Embora o messianismo tenha conotações políticas, com base em Beltrão, analisaremos apenas a sua faceta místico-religiosa. Os líderes de cunho messiânico pregam ideologias vinculadas ao retorno do Salvador e da instituição de um paraíso, muito embora tal estágio de contato íntimo com o divino não aconteça dissociado de uma fase de sacrifícios e renúncias. As classes dominantes, quando se percebem incapazes de lutar contra os focos de contestação político-religiosa, apelam ao ataque, inclusive, ao extermínio em massa, como o que ocorreu no Arraial de Canudos.

Ainda na obra supracitada de Beltrão, o autor destaca a forte relação existente entre carisma e comunicação no que compete à ação de um líder. Quem exerce a liderança, precisa, por meio da sua pregação, utilizar-se das ideias e do vocabulário adequado, que realmente atinjam a audiência. Só desse modo é provocado nas massas o efeito hipnótico que controla as suas vontades e a induz a imitar ação do pregador. É preciso atingir o inconsciente dos liderados, e no caso religioso, tal fenômeno se dá por meio de um agente divino condutor, no caso de Antônio Conselheiro, o *profeta* foi Jesus Cristo.

[...] a religiosidade do povo, expressa nas orações em comum, e seu ânimo belicoso, presente nos exercícios militares, no uso de armas e “requisições” de alimento para distribuição ao povo numa época de grandes privações, bem como o destemor e a disposição do líder e de seus principais apóstolos nos momentos decisivos de aliciamento e luta, constituem outros tantos fatores de êxito na comunicação da mensagem messiânica (BELTRÃO, 1980, p. 117).

Diante do que está sendo exposto, percebe-se que Antônio Conselheiro reúne todos os atributos de uma *liderança carismática*. A atuação de Conselheiro e de seu grupo no Arraial de Canudos entrou para a história do nosso país. A literatura registrou esse fato, entre outros textos, por meio de *Os Sertões* (1902), romance de grande repercussão, escrito por Euclides da Cunha.

Entre os principais traços definidores da personalidade carismática de Conselheiro, pode ser destacado o hábito de pregação entre os sertanejos, por meio da qual ele condenava o luxo, o casamento civil e recomendava a prática dos jejuns. O advento da República foi a *gota d'água* para o grupo adotar postura altamente contrária ao regime. As lideranças religiosas e políticas tiveram que tomar as suas providências, a fim de evitar a continuidade do grupo. Longos combates foram empreendidos e, no quinto deles, o Arraial de Canudos foi devastado, ocasionando inclusive, a morte do líder. Nos anos que passou sob o comando do grupo, ficou nítido o grau de organização rigidamente determinado por Conselheiro e cumprido pelos liderados, que concordavam com todas as medidas, entre elas, o não-pagamento de impostos; as contribuições financeiras para a manutenção do grupo; o pedido de esmolas e os saques.

Logo, percebe-se que a trajetória do *líder religioso e agente comunicacional* Antônio Conselheiro marca a história do Nordeste brasileiro no fim do século XIX. Sua atitude contrária à manutenção da república e as ideias religiosas transformadoras para a época, tais como, a afirmação de que realizava salvação, fizeram de Conselheiro um personagem mítico que até nos tempos hodiernos povoa o imaginário nacional. O Arraial de Canudos está associado a toda a luta e às perdas humanas e materiais causadas pela resistência do grupo.

Além de várias tentativas de descrições *oficiais* do que foi a Guerra de Canudos, a literatura se encarregou de recontar a história a partir da sua visão estética ressignificada. O cordelista Minelvino Francisco Silva, por exemplo, é um dos artistas que resolveu contar a história de Conselheiro utilizando-se do verso. O resultado, a partir de agora analisado, pode ser conferido em *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1980).

## Antônio Conselheiro à luz da literatura de cordel

O cordel *Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos* (1980), escrito por Minelvino Francisco Silva, versa sobre a vida de Antônio Conselheiro, em um relato histórico que se inicia falando da paixão por livros religiosos do filho bastardo de um comerciante baiano, seguindo pelo seu casamento, chegando ao município de Queixeramobim, onde sua vida foi marcada pelo sangue de sua mãe, derramado por suas mãos:

Fugiu, para não ser preso,  
Levando na consciência  
A mancha negra do crime  
Feito pela violência.  
Resolveu, para esconder-se,  
Fazer uma penitência.  
[...]  
Aconselhava as pessoas  
Seguirem Deus verdadeiro.  
Pelos conselhos que dava,  
Como um fiel mensageiro,  
Ficou cognominado  
Por **Antônio Conselheiro** (SANTOS, 1997, p.114, grifo do autor).

Após o ocorrido, o líder passou a dedicar-se a sua missão de livrar as pessoas da perdição. Para propagar a sua palavra e adquirir mais adeptos para a sua doutrina, utilizou-se de fontes bíblicas, pois acreditava na libertação por via religiosa, descrita nas Sagradas Escrituras. O homem que largou tudo fez uma batina azul, saiu pela Bahia, pregando com uma Bíblia na mão e levou dezenas de pessoas a acreditarem que, através de suas palavras e ensinamentos, encontrariam a salvação. Minelvino, em seu relato registrado em cordel, aponta nomes, datas e lugares, legitimando essa parte da história não só da Bahia, como do Brasil. O cordelista costura todos esses fatos e transporta o leitor para o sertão baiano e para o período em que o povo deixou o seu destino nas mãos líder Antônio Conselheiro.

A construção e arquitetura da Igreja de Santa Cruz, por exemplo, associa-se com a simbologia do Calvário de Jesus. A dificuldade para a construção da referida igreja foi o estopim para uma série de confrontos entre os soldados republicanos e o povo assentado no local onde posteriormente foi fundado o Arraial de Canudos. Era como se Canudos fosse um

*oásis* no meio do Sertão. A abundância de alimentos e a organização social bem empreendida, sem depender da *indústria da seca*, acabaram por incomodar os governantes do país. Dos cinco combates, Conselheiro e seus adeptos venceram quatro, embora, para ambos os lados, as perdas humanas e materiais tenham sido incontáveis.

A história de Antônio Conselheiro e sua influência direta nos destinos de uma determinada comunidade, que percebeu nele e em seus ensinamentos, direções e caminhos a serem seguidos a ferro, cruz e fogo, o legitimam como uma *liderança política, religiosa e ideológica*, pois milhares foram os que o seguiram e se apropriaram de sua lenda pessoal. Conselheiro, pode ser observado aqui como um *agente comunicacional*, pois seu prestígio social dentro da referida comunidade foi evidenciado pelo alcance de seus pensamentos e o crescente aumento de seus seguidores.

O cordel relata que, em meio a toda multidão que o seguia fielmente e com otimismo, Conselheiro cegou-se pela ambição e pelo poder que sentiu em suas mãos, não percebendo o abismo que se abria debaixo de seus pés através do fanatismo de seus seguidores. “A ascensão à liderança está intimamente ligada à credibilidade que o agente-comunicador adquire no seu ambiente e à sua habilidade de codificar a mensagem ao nível do entendimento de sua audiência” (BELTRÃO, 1980, p. 36). Este *agente comunicacional* usou a religiosidade do povo como caminho para construir o ideal desta comunidade, adequou seu discurso às necessidades dos receptores, percebeu as angústias e a fé em uma salvação vinda de Deus por algum meio, algum caminho. Antônio Conselheiro mostrou-se como o verdadeiro e legítimo caminho escolhido por Deus, para redimir, salvar e libertar o povo do sertão. Sua ideologia, adequada às necessidades dos receptores, o legitimou como guia espiritual e político.

A ideologia de Conselheiro estava enraizada na busca pela salvação, através de lutas e penitências. No cordel, percebemos que muitos foram os seguidores: “Gente de todo o sertão” (SANTOS, 1997, p.117), homens e mulheres que se uniram a ele na construção de uma nova igreja, fundamentada nas suas pregações. Antônio Conselheiro e seu povo começaram a incomodar as autoridades locais, o que fez o pregador abandonar Bom Conselho e seguir para Canudos, acompanhado pelo seu povo, receptores de suas mensagens e ensinamentos. Mesmo distante, continuou representando uma ameaça ao Governo do Brasil, pois pregava a favor da Monarquia e contra as estruturas do poder daquela época.

Toda a Guerra de Canudos, desde o primeiro ataque que surpreendeu o povo de Conselheiro desprevenido, os combates seguintes, nos quais o matar ou morrer se cristalizou como a lei e a ordem da guerra, e o fim das lutas, das quais só restou sangue suor e lágrimas no sertão; todos os passos e laços de poder e submissão que construíram este capítulo de nossa história estão registrados neste cordel, que cumpre a sua função, registrando e divulgando os acontecimentos de uma comunidade a outras, conforme destaca Lopes, afirmando que o cordel:

Foi o primeiro jornal do nosso sertanejo, antes do aparecimento, nas zonas rurais, do jornal propriamente dito, do rádio, da TV. Levado pelos vencedores ambulantes às nossas feiras do interior e mercados, ele difundia notícias sobre grandes acontecimentos de repercussão internacional, nacional, estadual e local (LOPES, 1994, p. 8).

Minelvino, nesse cordel, dialoga com o leitor, informando, narrando e cumprindo a função poética e histórica do cordelista: ele registra os ditos populares, as histórias e os personagens que saem do povo para se cristalizarem na cultura popular brasileira. Antônio Vicente Mendes Maciel, mais conhecido como Antônio Conselheiro, era o homem do povo que deixou o senso comum para se tornar líder de uma comunidade, para comunicar sua forma de ver a vida e para levar milhares de sertanejos a serem coadjuvantes de sua lenda pessoal. Sua profecia, de que o sertão viraria mar, talvez tenha sido cumprida, pois no lugar da guerra atualmente existe uma barragem que apagou todos os sinais do sangue derramado e das ideologias nascidas naquele chão.

Compreender a interpretação da realidade realizada pelo artista implica em discutir alguns aspectos voltados para a função comunicativa e ideológica do cordel. A ideologia, implícita ou explicitamente, já é responsável por denunciar as escolhas lexicais e poéticas do autor. Mais do que estabelecer uma comunicação ou tornar pública a visão particular de um fato, os versos de um folheto de cordel dizem quem é e o que pensa o artista por ele responsável.

O processo de comunicação autor/leitor [...] se estabelece de modo fácil: a partir mesmo do tema (popularíssimo, sua gente, seus costumes, e “causos”). Só é popular o que o povo aceita e torna seu, “as mãos são do artista, mas a arte é do povo”, como quer Franz Boas. *A literatura de cordel é caso especialíssimo de literatura, se em*

*presença e em tensão com o problema da comunicação* (PROENÇA, 1976, p. 41, grifo nosso).

Percebe-se que o cantor, nesse caso, ao propagar um fato, por meio de seus versos, além de conferir certo caráter jornalístico ao seu texto, como registro e divulgação de acontecimentos, funciona como um verdadeiro *comunicador para as massas*. O que se percebe, em alguns casos, é a manutenção de uma ideologia defensora da manutenção das tarefas das classes. Daí, podemos nos apropriar da indagação de Proença, na obra já citada: qual a função e a posição social do artista e quais os limites de sua autonomia criadora? Partindo para a especificidade do poeta popular, é o Proença mesmo quem disserta:

O poeta popular ali está sob toda uma gama de propaganda, “comunicação de massa”, e tudo que hoje compõe a quase imposta “aldeia global”. Na ânsia de logo “noticiar”, de colocar o assunto em versos e vender os folhetos, onde o poeta vai colher os dados e os materiais necessários? [...] acompanhando todo esse registro e todo esse fazer literário de cordel, em seu nascedouro, já há uma ideologia subjacente. [...] As contradições e a aparente não-ideologia compõem, em plano global, exatamente a ideologia (PROENÇA, 1976, p. 105).

A partir do ponto de vista exposto, pode-se compreender que, embora imbuído de estratégias linguísticas capazes de moldar um artesanato literário dissimulador de ideologias, não há como a opinião do cordelista não se fazer presente. A própria escolha por determinada temática já indicia que tipo de ideologia subjaz tal escrita. É quando a perspectiva literária e a série social/panfletária se encontram na caracterização da obra de arte. No texto de Mivelvino, prevalece a análise do percurso histórico da Guerra de Canudos. Não há interesse em descrever a ação da *liderança carismática* de Antônio Conselheiro. O que se percebe é uma ação contrária: o cordelista não hesita em se colocar contra o seu objeto de descrição artística. Para ele, Conselheiro foi um fanático que teve a infeliz ideia de relacionar religião e política, levantando-se contra o regime republicano.

Quando falava de Jesus, sobre a libertação ou o fim do mundo, a preocupação das autoridades esteve contida. O líder, no entanto, passou a declarar sua insatisfação com a República, o que acendeu a *necessidade* de combate. O quinto ataque ao Arraial foi bem-sucedido. A liderança militar do General Oscar Andrade foi crucial para a aniquilação do *sonho*

de Conselheiro. O que se percebe, pelas palavras de Minelvino, é que os liderados permaneceram fieis até o fim ao *fiel mensageiro*. A atuação de Conselheiro como líder foi admirável. Os adeptos de sua doutrina viam-no como único capaz de oferecer a salvação e muitos deram a vida pela causa. As suas profecias só faziam ampliar o contingente de pessoas crentes em suas palavras *sagradas*.

Com o tempo, pouco a pouco,  
Milhares de sofredores  
Em busca de seus conselhos  
Tornaram-se seguidores  
Sinceros, obedientes,  
Verdadeiros servidores (SANTOS, 1997, p.115).  
[...]  
O povo foi aumentando  
Ao lado de Conselheiro:  
Entendiam que ele fosse  
De Jesus um mensageiro  
Vindo para salvara todos  
Com um poder verdadeiro (SANTOS, 1997, p.117).

O efeito dessa *liderança carismática* foi a inevitável associação do líder com o próprio Jesus. Não é por acaso que todas as ideias eram defendidas pelos seguidores, como princípios incontestáveis, tal como a atitude contrária à manutenção do regime republicano no país. Quando Antônio Conselheiro opta pelos assassinatos em massa para *proteger* seu arraial, o povo não hesita em seguir tal medida.

Conselheiro terminando  
O discurso, no momento  
Todo o povo bateu palmas,  
No maior contentamento,  
Em sinal que confirmava  
Aquele drama sangrento (SANTOS, 1997, p.123).

A escolha por descrever as ações ocorridas na Guerra, mais do que se debruçar sobre as atitudes do líder religioso, denota o perfil conservador de Minelvino que, como poeta popular tradicional, opta por defender a República, numa explícita crítica a qualquer atitude contestadora. Seu texto defende a ação dos militares e critica, em várias passagens, as

atitudes do povo de Canudos. Quase concluindo o seu relato poético, o cordelista distancia-se da história propriamente dita e declara sua posição ideológica:

É uma tolice do homem  
Que tenta se revoltar  
Contra as leis do seu país,  
Pois não pode triunfar-  
Como Antônio Conselheiro  
Só terá que acabar (SANTOS, 1997, p. 134).

O poeta popular, nesse caso, confirma a ideia de conservadorismo e compatibilidade com o regime político vigente na época. Defende a República fazendo uso até de referências religiosas. Por fim, tenta distanciar-se do que foi relatado, não atribuindo verdade inquestionável ao relato, por ser ele baseado nas histórias do povo.

Quero dizer aos leitores  
Que tudo quanto escrevi  
Não afirmo ser verdade  
Porque nada disso eu vi-  
Versei contando a vocês  
Da maneira que entendi (SANTOS, 1997, p.135)

A Guerra de Canudos, registrada na cultura popular através do cordel de Minelvino, explora a história de um homem que, no meio do sertão, construiu a sua história através da luta, da fé, e da revolta contra o Governo. História de um *agente comunicacional* que gerou um movimento contrário à ordem e ao poder de seu tempo, e que junto ao seu povo, lutou em nome de estruturas maiores e extremamente complicadas. Talvez o único erro de Conselheiro tenha sido misturar religião e política, mas como ele mesmo disse: “Porém, enquanto houver mundo, Sempre falarão de mim!” (SANTOS, 1997, p.135). A vida foi o preço que Antônio Conselheiro pagou para *sair do mundo e entrar na história*.

## Considerações finais

A saga da personalidade carismática, cujo próprio nome evoca o caráter de um líder, pregador, *conselheiro*, foi contada por muitos cordelistas. Minelvino Francisco Silva optou

por adotar uma ideologia favorável ao regime republicano, que via em Conselheiro uma ameaça religiosa e política. Seus versos explicitam sua posição contrária à ação do líder.

O exercício da liderança de Conselheiro permite sua classificação como *agente comunicacional de um grupo socialmente marginalizado*, nesse caso, o Arraial de Canudos. A capacidade de reunir uma audiência totalmente adepta à sua ideologia religiosa comprova como o pregador reunia os atributos de um verdadeiro *líder de opinião*. A análise da ação de Conselheiro enfatiza seu papel de líder, com o respaldo da Folkcomunicação. Caso consideremos apenas o registro ficcional de Minelvino, a mesma liderança é confirmada, além de ser vista também na atuação do poeta popular.

As exposições, aqui empreendidas, dão conta de apresentar o aspecto cultural-popular da literatura de cordel, manifestação tradicional do povo nordestino. As palavras de Minelvino, associadas à análise dos traços comunicativos do cordel, endossam a premissa de que só há literatura onde existe o desenvolvimento da cultura de um povo. O caso em análise, ao relacionar história e ficção, registra uma faceta do imaginário *híbrido* da nação brasileira.

## Referências

- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: a comunicação dos marginalizados. São Paulo: Cortez, 1980.
- BOSI, Ecléa. **Cultura de massa e cultura popular**: Leituras de operárias: 13ed. /Apresentação de Dante Moreira Leite. Prefácio de Otto Maria Carpeaux. Petrópolis: Vozes, 2009.
- DANTAS, Adriana. **Itabuna**: História e Estórias. Ilhéus, BA: Editus, 2003.
- LIMA, Luiz Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- LOPES, José Ribamar. BANCO DO NORDESTE DO BRASIL. **Literatura de cordel**: antologia. 3. ed Fortaleza: BNB, 1994, p. 7-51.
- PROENÇA FILHO, Domício. **A linguagem literária**. São Paulo: Ática, 1992.
- PROENÇA, Ivã Cavalcante. INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO. **A ideologia do Cordel**. Rio de Janeiro: Brasília: Imago, INL, 1976.
- SANTOS, Minelvino Francisco. Antônio Conselheiro e a Guerra de Canudos. In: BAHIA. Secretaria de Cultura e Turismo. Coordenação de Cultura. **Antologia baiana de Literatura do Cordel**. Salvador: A secretaria, 1997, p. 113-136.
- TYLOR, Edward B. 1871, p. 1 apud VELHO e Viveiros de Castro, Eduardo B. O conceito de cultura e o Estudo de Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. In: **ARTEFATO** - Jornal de Cultura, Rio de Janeiro: conselho Estadual de Cultura, nº1, jan, 1978.